

A literatura infantil de Monteiro Lobato na Argentina: rompendo barreiras literárias, lingüísticas e de leitura.

Thaís de Mattos Albieri – IEL/Unicamp/FAPESP.

Monteiro Lobato (1882-1948) teve seus livros infantis publicados em espanhol entre as décadas de 1930 e 1940 por diversas editoras de Buenos Aires, sob o comando do editor Juan Ramón Prieto, o que culmina, em 1943 no lançamento da série infantil, totalizando 39 histórias.

O escritor brasileiro, por sua vez, participou ativamente do processo de escolha de tradutores, ilustradores, e divulgadores de sua obra para crianças, visando principalmente o universo escolar argentino. Tais intervenções podem ser conferidas em cartas enviadas por Prieto a Lobato.

Neste sentido, faz-se interessante elaborar os antecedentes educacionais na Argentina até o período de publicação dos livros lobatianos, para que se possa compreender de quê maneira se deu o processo de leitura entre as crianças em fase escolar no país vizinho. Fazer um breve histórico das condições de ensino no Brasil do mesmo período também é importante para que se estabeleçam as condições de produção do escritor em seu país e como o movimento semelhante – a busca pelo público leitor infantil – se deu também na Argentina.

Os parâmetros de leitura no Prata são modificados a partir de Domingo F. Sarmiento, que se tornaria, nas últimas décadas do XIX, presidente da nação. Baseado no que havia visto na educação chilena em termos de leitura, declara em uma nota publicada no jornal *El Mercurio*, de Santiago do Chile:

“No se comprende suficientemente cuantos cuidados deben prodigarse para que los niños adquieran las ideas necesarias para poder leer con provecho. Los vicios introducidos en las escuelas, el tono monótono y odioso adoptado en la lectura, el leer por leer, sin conciencia y sin otro objeto que el trabajo mecánico, hacen más males a la cultura del pueblo que la falta de escuelas y escasez” (Apud, Medina: 2002)

A partir desta constatação, Sarmiento volta ao seu país e, durante o período em que foi presidente – de 1868 a 1874 – o governante ocupou papel central como promotor do livro na escola. Tal programa coincidiu com a vinda dos primeiros editores – Pablo Emilio Coni, de origem francesa, dirigiu a Imprenta Oficial, Jacobo Peuser, imigrante alemão, estabeleceu sua primeira livraria e editora em Buenos Aires, em 1867; esta seria conhecida, posteriormente, como Casa Peuser, e Angel de Estrada, que teve grande experiência editorial – ficou no comando de sua casa editora de 1840 a 1918 - e fundou a mais importante empresa de maquinários para impressoras e editoras.

Diante deste contexto, a escola foi responsável por criar um público leitor que atendesse às demandas das editoras, enquanto a estas cabia promover os livros de leitura. Segundo Medina (2003,p.2), “la edición de libros de lectura constituyó un enorme aporte al mejoramiento y progreso de la educación argentina y marcó un rumbo ascendente en la calidad estética y de contenido textual en sus impresiones desde 1900 a 1940”.

As casas editoras que surgem ao longo dos anos 1900 a 1940 ajudam a criar um mercado livreiro competitivo a ponto de tornar a indústria Argentina destaque na produção de obras de leitura em língua espanhola. Dentre estas editoriais, uma delas se destacou no cenário livresco: a editorial Atlântida, fundada em 1918 por Constancio C. Vigil, publicou *UPA*, uma coleção de livros que se converte em clássico entre os alunos das escolas primárias. Destaca-se, ainda, a *Revista Biliken*, que se manteve por mais de 70 anos como publicação infantil de maior permanência e tiragem da história dos periódicos na Argentina.

Sendo assim, na Argentina, o mercado de livros nacionais adotados nas escolas e destinados às crianças se deu a partir do final do século XIX e se estendeu até 1940 quando o brasileiro Monteiro Lobato passa a ocupar boa parte do setor infantil das livrarias da região do Prata. Em contrapartida, no Brasil, a produção de livros nacionais dedicados aos estudantes e adotados nas instituições de ensino começa a ser executada somente na década de 1920 do século XX justamente por Lobato, que à época estava à frente da *Revista do Brasil*, por onde lança, em 1920, *Lúcia ou A menina do Narizinho Arrebitado*, em versão escolar, a ser distribuído em todos os estabelecimentos de ensino do estado de São Paulo. Tal obra teve grande alcance nas escolas primárias de outros estados tais como Ceará, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, sobretudo porque a escola brasileira passava por um processo de “modernização dos métodos pedagógicos o que procurou tornar realidade o ensino primário obrigatório” (CANDIDO, 1985, p.182), além de “formar mais o “cidadão” do que o “fiel”, com base num aprendizado pela experiência e a observação que descartava o dogmatismo” (NAGLE, 1974, pp.248-249). A partir disto, a leitura se insere como maneira de modernizar os métodos de ensino e propiciar à criança uma nova maneira de constituir-se enquanto cidadãos.

Afora estas considerações, é interessante ressaltar que, enquanto na Argentina havia um mercado nacional de livros infantis competitivo, na medida em que se tinha muitas editoras, no Brasil, Lobato exerce, quase que sozinho, a função de editor de obras para crianças, o que colabora para que seu nome circule e seu público leitor se diversifique e se amplie.

O nome de Monteiro Lobato ganha ainda mais força no Brasil da década de 1930, uma vez que instaladas as novas perspectivas educacionais, a literatura infantil produzida por Lobato depois da volta dos EUA, em 1931, e do contato com o movimento da Escola Nova, ganha cunho didático, o que o faz estabelecer de modo mais sistemático suas relações com as instituições de ensino, já que é neste período que lança obras como *Viagem ao Céu* (1932), *História do Mundo para crianças* (1933), *Emília no país da Gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935) e *Geografia de D.Benta* (1935). Concomitante aos textos inéditos, o escritor também fez traduções e adaptações de clássicos da literatura universal, como é o caso de *Peter Pan* (1930), *Alice no país das Maravilhas* (1931) e *D. Quixote das Crianças* (1936). Deste modo, em 1937,

Monteiro Lobato foi o maior best-seller de 1937, com 12 milhões de exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade, ou seja, mais da metade dos 2,3 milhões de exemplares impressos pela Cia Editora Nacional e sua sucursal, a Editora Civilização Brasileira. Tal cifra corresponde a praticamente um terço da produção total brasileira nesse ano. (MICELI, 2001, p. 146)

Tal profusão de livros, talvez, tenha interessado a “olhares estrangeiros”, como o do argentino Benjamin de Garay, tradutor de *Urupês*, de Monteiro Lobato para o espanhol, na década de 1920, e que trabalhou com o brasileiro na Monteiro Lobato e Cia. Devido ao fato de viver entre São Paulo, Riode Janeiro e Buenos Aires, Garay foi um dos grandes responsáveis pelo contato literário social e cultural entre Brasil e Argentina. A partir disso, o tradutor lança em espanhol pela Editorial Claridad de Buenos Aires, no ano de 1938, a adaptação lobatiana de *D. Quixote das Crianças*, que se intitula *D. Quijote de los niños*. Ressalta-se que de 30.06.1937 até 05.09.1937, tal texto passa a ser publicado, aos domingos, em folhetins na “segunda sección” do jornal buenairense *La Prensa*.

Lobato, que já fora lançado em terras argentinas na década de 1920, retorna aos periódicos e às estantes das livrarias, porém com diferente público alvo: as crianças. É interessante notar que a escolha da obra a ser veiculada no Prata contribui para que o brasileiro tenha seu nome circulando sob um texto considerado clássico da literatura universal, o que colaborou para o sucesso e a tiragem de tal material.

Durante os anos 1920 até meados da década de 1940 Lobato mantém contato com diferentes intelectuais, que se configuram como transmissores de sua obra na América Espanhola ; nos anos 1920, as cartas trocadas entre o brasileiro e o escritor e editor Manuel Gálvez resulta na publicação de *Urupês* e artigos relativos à literatura brasileira, publicados em jornais e revistas do país vizinho; em contrapartida, no Brasil, são divulgados textos sobre literatura argentina, anúncios de livros publicados em espanhol, além de *Nacha Regules*, do mesmo Gálvez; com Garay, nas décadas de 1930 e início de 1940, Lobato discute traduções, planos de viagem e circulação de adaptações a serem editadas na Argentina; finalmente, o período que se estende de 1942 até 1947, o escritor paulista estreita suas relações com Juan Ramon Prieto, editor encarregado da publicação das obras infantis lobatianas em espanhol.

Especificamente porque se trata da edição das obras infantis lobatianas, as cartas de Prieto endereçadas a Lobato revelam os bastidores destas edições, tal como se pode observar no trecho da carta de 27.09.1942, cujo papel timbrado pertence à Editorial Americalee:

Sr. Garay – Com o comum amigo marginado temos chegado ao seguinte acordo: vamos realizar a tradução dos livros, todos os quais serão supervisionados pelo amigo Garay uma vez traducidos. Essa supervisão é determinada pelo desejo de oferecer ao prezado amigo o máximo de garantia em quanto a fidelidade da versão castelhana. A razão fundamental que nos moveu a chegar a esse acordo é que a capacidade de trabalho de Garay está, ultimamente, resumida. Os anos passam até para os tradutores! A idade, o seu estado de saúde, fazem com que o Garay, independente de sua boa vontade, não se adapte à literatura infantil. Ahí está o Quixote assinado pelo Zamora na forma y na falta de ilustrações, mais com um evidente cumplicidade da tradução. Isso não significa, de maneira nenhuma, excluir o Garay da participação econômica que lhe temos garantido, e, inclusive, adiantado.

Alterações: Está terminada a tradução de “Reinações” e “Aritmética”. Esperamos nos indique as alterações para a “Geografia”, “História do Mundo” e “Minotauro”, se pensa fazel-as nesses dois últimos.

Propaganda: As grandes livrarias distribuidoras daqui fazem, geralmente, uns boletins mensuales. Alguns deles são verdadeiras revistas ilustradas (o do Ateneo, por exemplo). Já chegamos a uma combinação com 3 dos grandes boletins bibliográficos a fim de publicarmos páginas em cores con resumos de seus livros, así como ilustrações com as personagens. Isso independente do nosso plano de propaganda, que oportunamente informaremos ao prezado amigo, no cuide estamos vendo a forma de incluir uma fita de desenhos animados, em cores, apresentando as personagens dos seus contos. A vantagem está que essas fitas são passadas em 1.600 cinemas do país e num número quase igual de cinemas sudamericanos.

Ilustradores: Cuidamos com a máxima atenção deste aspecto das edições. Estamos fazendo experiências com os melhores, procurando ver qual se adapta melhor ao texto e a psicologia das personagens. Oportunamente enviamos ao amigo as provas a fim de que colabore conosco na escolha. Em nenhuma das hipóteses o futurismo entra nas nossas cogitações.

Gratos a todas as sugestões que julgue oportuno fazer, com estima e apreço,

Carimbo da editora e assinatura de
R. Prieto¹.

Nota-se na epístola acima transcrita que Garay, antigo amigo de Lobato, figura entre aqueles que vão supervisionar as traduções para “oferecer ao prezado amigo o máximo de garantia em quanto a fidelidade da versão castelhana”; tal escolha não parece ser aleatória, pois tradutor viveu no Brasil e é conhecedor da obra lobatiana, o que pode aumentar a credibilidade de tal tradução. Além disso, Monteiro Lobato parece interferir no texto em espanhol para que este transpareça com fidelidade o sentido atribuído às obras, uma vez que, semanticamente, os textos do brasileiro são dotados de expressões peculiares e aparentemente “intraduzíveis” para outra língua; ao lado da revisão, Monteiro Lobato parece participar da escolha dos ilustradores que, do mesmo modo como se procede com a linguagem, as ilustrações devem ser condizentes com a imagem que se transmite em palavras; e isto, talvez, só o escritor, na visão de Prieto, poderia ajudar. A proposta de Prieto para a divulgação das obras também merece destaque, dado que o editor conhece o mercado de livros em seu país; o movimento de difusão destas obras atingiria não somente as crianças, através da sugestão dos boletins bibliográficos – recurso muito comum utilizado pelas editoras de Buenos Aires – como também o público adulto, já que se pretendia fazer “fitas que são passadas em 1.600 cinemas do país”.

Sendo assim, este conjunto de estratégias divulgadoras traz a ampliação e a circulação do nome Monteiro Lobato para além das fronteiras do Brasil, o que tem seu apogeu em 1943, com o lançamento em espanhol, pela Americalee, dos primeiros cinco exemplares infantis que correspondem aos livros que compõem as *Obras Completas* lançadas de uma só vez no Brasil, em 1946. Isto permite a Lobato viver da renda de seus livros, tal como declara em carta a D. Purezinha, sua esposa:

¹ Carta pertencente ao Acervo Monteiro Lobato da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato. Pasta 202507.

Recebi o contrato da edição de todos os meus livros infantis em Espanhol na Argentina. Todos. E para começar vai sair de bloco cinco. O negocio me parece excelente, pois poderei ficar com uma renda lá talvez ainda muito maior que aqui, e desse modo poderei por de lado uma dessas rendas para ir acumulando uma fortuninha para você e a Ruth².

Os livros da série infantil de Monteiro Lobato têm edições até 1945, quando Prieto troca a Editorial Americalee pela Ediciones del Tridente e publica, entre outros *Os Doze Trabalhos de Hércules*; além disso, no ano seguinte, o editor se torna sócio do escritor brasileiro na Editorial Acteón.

Esta rede de relações construídas desde 1920, aliada à situação política brasileira do pós-guerra dos anos 40, faz com que Monteiro Lobato realize o antigo desejo de viver na capital Argentina. Sobre a idéia de viver no Prata, Lobato explica que vai embora porque “anda com saudades de pão de trigo, carne macia, manteiga sem margarina, ovos, frutas, decência” (Apud, CAVALHEIRO, 1955, p. 224).

O escritor e sua família chegam em Buenos Aires no dia 06 de junho de 1946 e os primeiros meses na cidade foram de intensa atividade para o autor: retomando práticas que inaugurara no Brasil, visitou várias escolas, onde conheceu crianças argentinas, agindo como uma espécie de embaixador das crianças brasileiras no país vizinho, simultaneamente ao lançamento de títulos que ainda não haviam sido traduzidos (*O poço do Visconde* é um destes casos).

Na esteira destes eventos, o magazine “Harrod’s” promoveu uma “Semana Monteiro Lobato”, com exposição de toda a obra do escritor, cartazes, bonecos e a encenação de textos extraídos da série infantil do sítio do Pica-Pau Amarelo. Além disso, a Embaixada Brasileira em Buenos Aires fez uma exposição do livro brasileiro, cujo convidado de honra foi Monteiro Lobato, que teve o maior número de livros expostos – cerca de oitenta volumes – entre traduções, adaptações e originais.

Dessa maneira, configura-se um relacionamento entre o escritor e a Argentina que se entrelaça em vários níveis: cartas trocadas com alguns argentinos desde 1919, a divulgação do escritor junto ao público escolar, o lançamento de novos títulos, o investimento na imagem do autor e, inclusive, o envolvimento oficial – diplomático – brasileiro na promoção de Lobato na região do Prata.

Esta manifestação de diferentes setores da sociedade argentina não poderia escapar das lentes dos fotógrafos, nem das colunas e artigos dos jornalistas, que acompanhavam e registravam cada passo do escritor. Um destes veículos de imprensa foi o jornal *La Prensa*, para o qual Lobato escrevera alguns artigos já na década de 30; dentre estes “Machado de Assis”, publicado em 1939, na comemoração do centenário do escritor brasileiro. Ao noticiar a visita de Lobato à redação, o responsável pela matéria “refere-se extensamente à popularidade de Lobato entre os pequenos argentinos, acentuando que ela excede tudo quanto se possa supor”. (Apud, CAVALHEIRO, p.229).

Ainda que o lançamento de traduções, visitas a escolas, entrevistas para jornais, deixasse Lobato temporariamente afastado daquilo que ele considerava “trabalho”

² Trecho da carta de Lobato a D. Purezinha, provavelmente de 1943. Fundo Monteiro Lobato. CEDAE/IEL/Unicamp.

(esta palavra para ele significava escrever ou estar em contato com o universo da escrita de obras literárias), ele estava, na verdade, pavimentando seu caminho.

O autor se vê novamente trabalhando quando funda, em Buenos Aires, a editorial Acteón, juntamente com os amigos argentinos Manuel Barrieros, Miguel Pilato e Ramón Prieto; os dois primeiros, na década de 20, colaboravam com artigos na *Revista do Brasil*; o último foi, como já vimos, editor dos livros infantis lobatianos em Buenos Aires; a editora Acteón publicaria, sobretudo, as obras de Monteiro Lobato.

Os primeiros meses no comando da editora são de intensa produção e reedição das obras infantis de Monteiro Lobato; na medida em que toma conhecimento do movimento editorial argentino, o escritor verifica, segundo Cavalheiro, que faltava uma obra que desse idéia da situação do país; a partir disso, o brasileiro se põe a estudar a história do lugar em que vivia e publica, destinado também às crianças, em 1947, *La Nueva Argentina*, sob o pseudônimo de Miguel P.García e com tiragem de 300 exemplares. O assunto da obra era a simulação de uma conversa sobre a política peronista entre dois irmãos e seu pai. Rapidamente a notícia da edição se espalha e as críticas ao livro, em forma de telegrama, não demoram a aparecer e noticiam que se trata de uma “interessante narrativa infantil acerca do Plano Quinquenal do General Perón”(Apud CAVALHEIRO, p. 231), além de Monteiro Lobato ter exposto de forma “magnífica, ao alcance da mocidade, todo o plano de realizações concebido e posto em prática pelo Governo atual da Argentina”(idem, p.231).

A partir destas impressões, *La Nueva Argentina* passa a ser adotado nas escolas das províncias da Argentina. Segundo Cavalheiro, só a província de La Plata mandou imprimir e distribuir gratuitamente nas escolas da cidade cem mil exemplares. Estes cem mil exemplares, acrescido de outras informações sobre o livro estão na carta abaixo transcrita:

Papel timbrado Editorial Acteon.

Avenida de mayo 654 – 2º piso – BUENOS AIRES.

U.T 33, AVENIDA 1245

B.Aires, 21/5/1947

Dr. Lobato. –

Prezado Amigo:

Recebemos sua nota sen data. Já foi por via aérea um “Nova Argentina”. O pacote de 10 vae pelo correio comum.

Asunto/secretaria: Temos pleiteado, com resultados positivos, segundo notícias últimas, o aumento do preço para os 50.000 ejemplares da Subsecretaria de Informações. No día 7 houve um laudo arbitral para os gráficos e o custo de produção aumentou 20%. Transferimos este custo ao projecto anterior entregado ao Cipolletti e está correndo. Hoje o Pilato voltou com a novidade “que se está redactando el contrato de compra de los 50.000 ejemplares. Y debe estar listo pasado mañana”.

La Plata: Temos conversado mais com o Conselheiro da Direção Geral de Escolas da Província de B.As.O proyeto de compra dos 100.000 “Nova Argentina”, ainda não foi apresentado na Direção Geral por que os conselheiros não tem dado número para sesionar, de manera que será apresentado na seção de amanhã. Elles tem a “sugestão” do Mercante (Gobernador) de que o livro deve ser distribuído aos alumnos sem perda de tempo.

Esperamos, pois, poder telegrafar ainda esta semana anunciando a concreção da “tacada”. Não deixe de torcer.³

Embora não houvesse definida a compra da obra pelo governo, a missiva de 21.05.1947, quando Lobato ainda vivia em Buenos Aires, e tendo, deste modo, a possibilidade de acompanhar o movimento editorial e de venda de *La Nueva Argentina*, permite entender que a divulgação de tal obra foi proveitosa para que a vendagem e a circulação dos exemplares fossem para além das fronteiras da capital e se alojasse, preferencialmente, nas escolas de outras cidades argentinas. Neste sentido, tal livro parecia ter destino semelhante ao que ocorreu com *Narizinho Arrebitado* na década de 1920 no Brasil. No entanto, após muitas negociações e a intervenção de outras editoras especializadas em vender ao governo, como a Editorial Kapelusz, que desde a década de 1920, em Buenos Aires, publicava exclusivamente material que era adotado na escola, a obra lobatiana dedicada ao plano Quinquenal parece ter sido rechaçada e não foi adotada, embora tenha tido até a interferência do general Perón, tal como revela o trecho da carta abaixo, de 17.03.1948:

Baires, 17/3/48

Dr. Lobato. Caro amigo: Llegó Simón al escritorio, más triste y más largo que nunca trayendo su carta. Tiene usted razón. Estoy en deuda y metido en una nube, pero en una nube que es mitad estupidez y mitad poca vergüenza. Esa “Nueva Argentina” ha resultado la mas perfecta sarna con que pudiera soñar un buen rascador. El Consejo Nacional de Educación le pareció optimo, lindisimo y casi encantador el libro, pero la resolución que nos comunicó la semana pasada es que “será tenido en cuenta cuando se estudien los textos nuevos”. Eso, en buen romance, significa que nuestra solicitud ha sido rechazada. El secreto de todo reside en que la comisión de inspectores que debe dar parecer sobre cualquier texto es toda ella empleada de Capeluzt, la casa que tiene el monopolio de los libros escolares. Nos consta que hasta el mismo Perón ordenó que se tomara en cuenta el libro y que el mismo le gustó extraordinariamente. Pero la burocracia y el negociado son dos cosas absolutamente imbatibles hasta para un general. De la provincia de Buenos Aires las noticias no son mejores. Todo quedó reducido a la decisión de adquirir los 150 mil ejemplares, lo que no se ha podido materializar aun pues el Consejo Escolar está acéfalo y no tiene cariz de que se constituya en estos meses. En síntesis: nada. (...) ⁴

Na data da referida carta, Monteiro Lobato já estava de volta ao Brasil, dado que regressou ao seu país no dia 08.06.1947, depois de passar exatos 12 meses em terras argentinas.

³ Carta pertencente ao Acervo Monteiro Lobato. Pasta 202531.

⁴ Carta pertencente ao Acervo Monteiro Lobato. Pasta 202534.

Como já fora dito, o livro inédito de Monteiro Lobato sai em 1947, durante o governo do general Juan Domingo Perón, que dura de 1945 a 1955; é interessante observar que a concepção de livro do presidente está centrada na capacidade que este bem material tem de recrear, entreter ao mesmo tempo em que informa sobre a história e a cultura do país; não foi ao acaso que durante seu mandato, criou-se a “Biblioteca Infantil General Perón”, editada pela Casa Peuser. Sendo assim, Lobato, quando estudara a história da Argentina para escrever *La Nueva Argentina*, talvez tivesse por intenção, além de ganhar as instituições de ensino, ter seu livro integrando a coleção editada pela Peuser, embora fosse um dos donos da Acteón.

Ao que tudo indica, *La Nueva Argentina*, que poderia fazer com que Monteiro Lobato ganhasse mais prestígio entre o público infantil em fase escolar, fracassou do ponto de vista editorial e de se estabelecer uma parceria com o governo argentino, tal como fazia outras editoras, que desde o final do século XIX até os anos 1940 se tornaram cada vez mais especializadas na produção nacional de livros de leitura e de literatura com o objetivo de vender nas instituições de ensino da Argentina.

Retomando práticas que iniciara no Brasil, Monteiro Lobato consegue romper as barreiras lingüísticas e literárias e passa a ser na Argentina, como se observou, reconhecido também pelas traduções de seus livros infantis.

BIBLIOGRAFIA.

ALBIERI, Thaís de Mattos. “Lobato: a cultura gramatical em *Emília no país da Gramática*”. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2005.

CANDIDO, Antonio. “A revolução de 30 e a cultura”. In *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1985.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1955.

MEDINA, Pablo. “Apuntes sobre la historia de la educación Argentina”. Buenos Aires, 2002. Site da Biblioteca Nacional de Maestros: www.bnm.com.ar. Último acesso em 31.05.2007.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/MEC, 1974.